

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: REPRESENTAÇÕES DE MULHERES RIBEIRINHAS DE UMA CLASSE HOSPITALAR SOBRE A ESCOLA

YOUTH AND ADULT EDUCATION: REPRESENTATIONS OF HOSPITAL CLASS RIBEIRIN WOMEN ABOUT SCHOOL

Priscila Costa Soares Leite 1
Ivanilde Apoluceno de Oliveira 2

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar as representações sociais tecidas a partir das imagens e sentidos contidos nos relatos e desenhos de educandas da Educação de Jovens e Adultos de uma classe hospitalar, acerca da escola, tanto a hospitalar quanto a escola que frequentavam em seus municípios de origem. Corresponde a uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa que tem por base a teoria das representações sociais na abordagem processual, principalmente no que concerne a duas categorias: a ancoragem e a objetivação. Para análise dos desenhos foram utilizadas categorias de análise. As participantes da pesquisa foram quatro educandas que frequentam a classe hospitalar do Espaço Acolher, casa anexa ao hospital Santa Casa de Misericórdia do Pará. Este Espaço acolhe mulheres, crianças, jovens e idosas, que sofreram o acidente por motor de embarcação denominado escalpelamento, e precisam de alojamento enquanto realizam tratamento médico na cidade de Belém-Pará.
Palavras-chave: Representações Sociais. EJA. Escola. Classe hospitalar.

Abstract: This article aims to analyse the social representations woven from the images and meanings contained in the reports and drawings of students of youth and adult education in a hospital class, about the school, both the hospital and the school they attended in their municipalities source. It corresponds to a field resech, with a qualitative approach that is based on the theory of social representations in the procedural approach, mainly with regard to two categories: anchoring and objectification. For the analysis of the drawings, categories of analysis were used. The reseach participants were four students who attend the hospital class of Espaço Acolher, a house attached to the Santa Casa de Misericórdia do Pará hospital. This space welcomes women, children, young and old, who suffered the accident by a vessel engine called scalping, and need accommodation while undergoing medical treatment in the city of Belém-PA.

Keywords: Social Representations. EJA. School. Hospital class.

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. Psicóloga. Membro do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire da Universidade do Estado do Pará. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2069260179126704>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8497-0068>. E-mail: priscila_costa_soares@msn.com 1

Pós-doutora em Educação pela PUC-Rio. Doutora em Educação pela PUC-SP e UNAM/UAM Iztapalapa – México. Docente e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Educação e Professora Titular da Universidade do Estado do Pará. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6486192420682817>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3458-584X>. E-mail: nildeapoluceno@hotmail.com 2

Introdução

A vasta região navegável da Amazônia paraense torna-se o cenário do triste do acidente que acomete muitas mulheres ribeirinhas. Saber manejar os barcos desde a infância é um aprendizado culturalmente passado de pais para filhos, os barcos geralmente são feitos pela própria comunidade e muitas vezes não oferecem a segurança necessária para o transporte, principalmente no que concerne ao eixo do motor que fica descoberto. Manterem os cabelos longos também são traços identitários marcantes às regiões ribeirinhas, seja devido à própria cultura indígena local ou pela religião. As especificidades amazônicas junto às falhas de políticas públicas, informações e campanhas de prevenção que ainda não dão conta da vasta região contribuem para a perpetuação dos acidentes de escalpelamento (LEITE, 2019).

O Hospital Santa Casa de Misericórdia do Pará funciona por volta de quatro séculos e é referência no atendimento às vítimas de escalpelamento, que ao chegarem de diversas regiões da Amazônia paraense, precisam residir na casa anexa ao hospital, chamado Espaço Acolher, por tempo indeterminado.

Feio (2017, p.9) define o escalpelamento como: “trauma decorrente da avulsão brusca do couro cabeludo em eixo de motores de pequenas embarcações ocasionando transtornos físicos e psicossociais”.

Nesse espaço, podem residir até seis meses ininterruptos, e quando voltam aos seus municípios de origem, em comunidades ribeirinhas, geralmente, é por curto tempo, pois logo precisam retornar à capital para darem continuidade ao tratamento médico.

Nesse espaço, mulheres, crianças, jovens e idosas, tanto vítimas do acidente, quanto acompanhantes, passam a integrar a classe hospitalar, e assim podem dar continuidade aos estudos interrompidos ou a terem pela primeira vez a oportunidade de estudar, num momento considerado improvável, por se tratar de um ambiente hospitalar.

As atividades educativas da classe hospitalar são realizadas pelo Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP) da Universidade do Estado do Pará, desde 2011, e pela Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC). Ambas trabalham na perspectiva da Educação Popular Freireana, em que a educação é tida como meio de libertação da opressão via conscientização, baseia-se no princípio dialógico e valoriza a humanização e o saberes dos (as) educandos (as) (FREIRE, 1992).

Na escola hospitalar surgem novas perspectivas de vida e aprendizagens, minimizando, de algum modo, o sofrimento que as educandas passam no processo de tratamento na capital.

Neste estudo, o objetivo é analisar as representações sociais que cada educanda entrevistada tece sobre suas escolas de origem e a hospitalar, bem como desvelar as imagens e os sentidos contidos nos relatos e desenhos das mesmas na turma de Educação de Jovens e Adultos.

O estudo das representações sociais sobre a escola de educandas da EJA é importante porque revela o significado que a escola possui na vida de mulheres ribeirinhas da Amazônia Paraense e aponta as necessárias mudanças no contexto escolar para atender a este público da Educação de Jovens e Adultos.

Inicialmente apresentamos a metodologia do estudo realizado e, posteriormente, as representações das educandas sobre a escola do município e o ambiente educativo hospitalar.

Metodologia

Esta investigação corresponde a uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa, em que serão analisados desenhos de três educandas da classe hospitalar, que advém de diferentes comunidades ribeirinhas paraenses, conforme o quadro a seguir:

Quadro 1. Perfil das educandas

Nº	Educandas	Idade atual	Naturalidade	Acidente/idade	Início Classe Hospitalar
1	Margarida	14	Muaná/PA	2018 (14 anos)	2018
2	Vitória-Régia	16	Vigia/PA	2010 (8 anos)	2010
3	Rosa	19	Bagre/PA	2010 (10 anos)	2010
4	Girassol	60	Município de Santarém/PA	1991 (33anos)	2011

Fonte: Leite (2019).

Os nomes acima referidos são fictícios para preservar a identidade das educandas que possuem idades que variam entre 14 a 60 anos. Os acidentes ocorreram nos períodos de 1991 a 2018, revelando que sua ocorrência e a busca pelo tratamento podem acontecer em diferentes fases da vida. Margarida, Vitória-Régia e Rosa passaram a integrar a classe hospitalar no mesmo ano em que sofreram o acidente, já Girassol só recebeu a informação que tinha tratamento na capital, vinte anos após o ocorrido.

A Teoria das representações sociais tem como principal propagador o psicólogo francês Serge Moscovici (2004), que em seus estudos explica ser a finalidade das representações sociais tornar *familiar* o que não é familiar em nosso contato com o mundo. Explica que esta tensão está sempre presente no universo pessoal e/ou social, uma vez que tudo o quanto o ser humano ou um grupo faz, fala ou acredita necessita ter um sentido e ser ajustado rumo a um consenso, e o senso comum possui esta função de ajustar e interpretar a realidade.

As representações sociais apresentam dois mecanismos no seu processo de formação: a **ancoragem** e a **objetivação**, duas importantes categorias de análise desta pesquisa. O primeiro “tenta ancorar ideias estranhas, reduzi-las a categorias e a imagens comuns, colocá-las em um contexto familiar” (MOSCOVICI, 2004, p.60), já a função da objetivação é tornar esta categorização quase concreta, tal como explica Moscovici (1978, p.110 apud NASCIMENTO, 2015, p. 58): “faz com que se torne quase real um esquema conceptual, com que se dê a uma imagem uma contrapartida material”. O mesmo autor nos chama atenção para o caráter mutável das representações, portanto os padrões que estabelecemos sobre determinado objeto pode mudar durante a interação com ele.

A técnica do desenho se constitui num importante instrumento para análise em Representações Sociais, para tanto utilizamos o livro de Silveira, Silveira e Oliveira (2018) que estabelecem seis categorias nas análises dos desenhos, sendo elas: a) a dimensão espacial; b) as formas de relações; c) as expressões faciais e corporais; d) os pontos de destaque; e) os significados e f) a retangulação.

Esta pesquisa foi aprovada em comitê de ética, além de ter sido entregue às participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, por meio do qual autorizaram a divulgação dos resultados da pesquisa.

Resultados e Discussão

Representações sobre a escola do município e o ambiente educativo hospitalar

Nesta seção, apresentamos e analisamos os desenhos e as falas significativas das educandas sobre a escola de seus municípios e a da classe hospitalar.

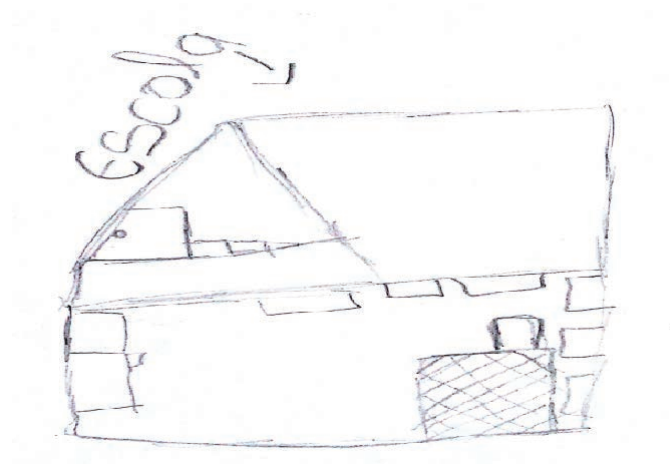
A educanda Margarida/Muaná

Margarida desenhou a imagem que possui sobre a escola que frequentava em seu município. No momento da entrevista estava afastada cerca de cinco meses de sua residência e escola, por isso identificamos sentimentos correlatos à *saudade* e à vontade de estar de volta.

Eu lembro com alegria e com carinho, eu gosto muito daquela escola [...] Eu fui para minha cidade semana passada aí passei na frente da escola e me deu uma vontade de voltar a estudar lá. Na minha escola é bem animado, a parte que eu acho mais legal é a hora do recreio, porque todo mundo se ajunta aí um conta fofoca para um lado e para o outro (MARGARIDA).

A parte que mais gosta da escola de seu município é convívio social com os colegas no recreio. Ancora a escola a um local “animado” e associa a escola ao convívio com os colegas e à diversão.

Figura 1. Desenho da educanda Margarida sobre a escola regular comum



Fonte: Leite (2019, p. 115).

Eu estudo aqui em cima, a gente está em cima escutando as fofocas lá de baixo, bem aqui é um portão, que é todo gradeado, bem aqui tem uma sala, aqui tem outra sala, aqui outra sala... e outra sala. O professor fica lá na frente e nós aqui atrás. Quando chove alaga essa parte aqui do meio (MARGARIDA)

Com base na categoria **dimensão espacial** – de Oliveira, Oliveira e Silveira (2018), Margarida representou a sua escola como um lugar grande com muitas salas de aula, e também aponta para a precariedade do espaço escolar, ao relatar que em períodos de chuva ocorrem alagamentos.

Quanto à sala de aula a educanda descreve como um lugar grande onde todos ficam distantes uns dos outros. Objetiva a distância entre o aluno e o professor, o simbólico e o concreto, ao relatar: “o professor fica lá na frente e nós aqui atrás”, apontando para uma prática educativa tradicional e antidialógica (LEITE, 2019). Para Freire (1987) o antidiálogo pressupõe a dominação e a necessidade da conquista ao dominador, que detém *todo o saber*, e do outro lado o dominado, nesse contexto, os alunos, que tendem a silenciar.

É importante observar que a escola foi desenhada a partir de três formas geométricas: triângulo, retângulos e quadrados, apontando para a categoria **retangulação**, elaborada por Oliveira, Oliveira e Silveira (2018). Cada retângulo representa uma sala de aula, um grupo social de alunos, demarcando os diferentes e segregados territórios. E a grade no portão principal pode remeter simbolicamente ao 'fechado'.

Quanto à **educação em ambiente hospitalar** Margarida relata:

Eu gosto de estudar aqui, mas antes eu não gostava, já falavam em aula desde lá da Santa Casa, falavam “ê a ‘Margarida’ vai estudar!” (tom de empolgação) aí eu pensava “eras não acredito nisso! eu vim lá de casa para mim estudar aqui?!”, eu não gostava de ninguém, das professoras, não queria descer para estudar, achava todo mundo chato. Aí eu vi os computadores, aí eu me animei! Eras! será que é aula de computação? Aí depois vi que não, começou os cadernos, aí pronto, eu já não gostava, mas depois eu passei a gostar de descer, de estudar, eu já gosto de todos aqui, quando falam em aula para mim eu venho, já fico alegre, trago meu caderno e me animo (MARGARIDA)

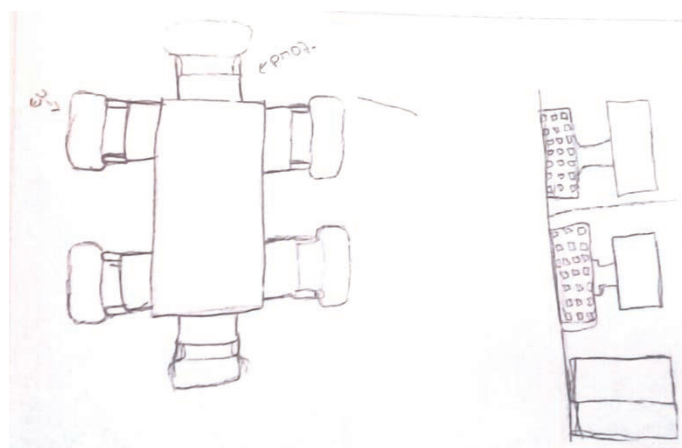
Por meio deste relato compreendemos que Margarida passou por um processo de reelaboração da representação que possuía acerca do espaço escolar hospitalar; a primeira reação ao saber que iria dar continuidade nos estudos foi de irritação e rejeição expressa na frase: “não acredito nisso! Que eu vim lá de casa para estudar aqui”.

Ao entrar em contato com o Espaço Acolher e conhecer pessoalmente o espaço educativo Margarida teve também um inicial estranhamento ao dizer que não gostava das professoras e de ninguém, ancorando o espaço e as pessoas que conheceu à palavra “chata”. Através da ancoragem é possível estabelecer categorizações positivas ou negativas, tal como Moscovici (2004, p.63) explica: “categorizar alguém ou alguma coisa significa escolher um dos paradigmas estocados em nossa memória e estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele”. Neste primeiro momento, a educanda categorizou e classificou de modo negativo o espaço escolar hospitalar.

Esta inicial insatisfação pode revelar o sofrimento da educanda logo após o acidente e todas as perdas que teve a nível físico, psicoemocional, social. Contudo com o passar do tempo Margarida começou a criar novos vínculos afetivos no Espaço Acolher e passou a ressignificar a classe hospitalar onde “descer para estudar” passou a ser “animado” e “alegre”, o momento na escola hospitalar passa a ser prazeroso, de aprendizado e superação. Segundo Moscovici (2004, p.70), as representações preexistentes podem ser modificadas “de tal modo que adquiram uma nova existência”.

Margarida elaborou desenho sobre como representa a classe hospitalar e explicou: “a sala aqui é assim, os computadores aqui, eu fico aqui e a professoras aqui, tudo pertinho”.

Figura 2: Desenho da educanda Margarida sobre a classe hospitalar



Ao representar o ambiente educativo hospitalar Margarida se detém ao espaço físico, à **dimensão espacial**. A educanda preocupou-se em reproduzir o desenho o mais próximo do real, sinalizando por meio das carteiras o seu “lugar” e o da educadora, remetendo à categoria **formas de relações**. A relação educadora/educanda, agora, está mais próxima e é o **ponto de destaque** do desenho (OLIVEIRA; OLIVEIRA; SILVEIRA, 2018).

Margarida ressaltou que a principal especificidade do ambiente educativo hospitalar é a atenção que o professor presta ao aluno, a relação mais próxima de afeto entre eles, gerando maior chance de aprendizado. Caracteriza a classe hospitalar como um lugar que emana calma-ria se comparada à escola comum, que favorece a aprendizagem, já a escola comum refere ser mais agitada, que tende a tirar o foco atencional e dificultar o aprendizado.

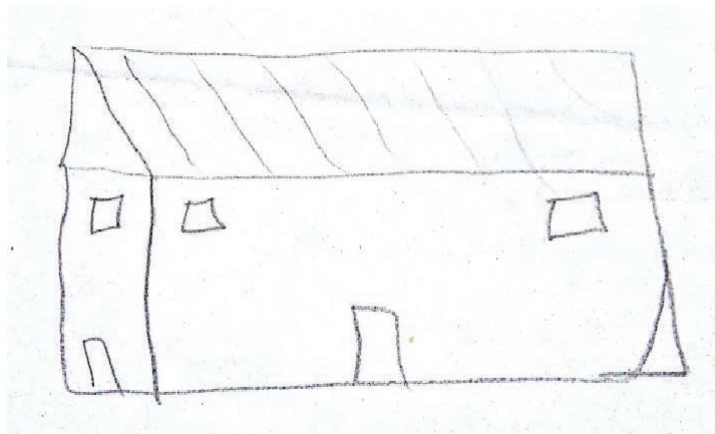
A Educanda Vitória-Régia/Vigia

Vitória-Régia possui uma representação positiva sobre a escola que frequenta em seu município ao expressar o sentimento de “bem-estar” e “saudade”. No momento da entrevista a educanda estava realizando um procedimento médico na Santa Casa e distante da escola de seu município há três meses.

Entretanto, tal como a educanda Margarida, as boas lembranças escolares estão relacionadas aos momentos de interação social, brincadeiras e aulas de educação-física. Também demonstra possuir boa relação com os colegas e professores na escola, tal como expressa a seguir:

os professores são muito legais... Tem a diretora, eles me tratam super bem, sinto saudade. Eu lembro das brincadeiras no salão e da aula de física. Só que nem toda vez eu faço, porque às vezes me sinto mal, se eu abaixar muito a cabeça começa dar tonteira, aí eu paro, o professor entende (VITÓRIA-RÉGIA)

Figura 3: Desenho da educanda Vitória-Régia sobre a escola regular comum



Fonte: Leite (2019, p. 121).

Sobre o desenho da escola do município Vitória-Régia expressa:

não dá nem para desenhar mais, é grande...sem espaço para desenhar (risos), aí só que é tem a sala da diretora que é separada, e tem as salas e uma corredor... Sinto saudade, meus colegas são muito legais, a diretora também, todos me tratam super bem lá, me sinto bem, nunca tive nenhum problema lá (VITÓRIA-RÉGIA)

A representação de escola para Vitória-Régia está diretamente relacionada à estrutura física da mesma remetendo à categoria **dimensão espacial** de Oliveira; Oliveira e Silveira (2018). Ao desenhar e explicar que estuda em uma grande escola, onde há um corredor com muitas salas, salientou a sala da diretoria separada das demais, ressaltando a ideia de fragmentação da escola regular, tal como também descreve a educanda Margarida.

Quanto ao **ambiente educativo hospitalar** a educanda comentou:

eu gosto porque aqui não é como nossa escola, aqui tem professor que dá atenção. Eu aprendi a lê aqui, me sinto bem, de todo dia descer, estudar e conhecer uma matéria nova, me sinto bem. Dá saudade dos professores que ensina nós, sinto saudade da atenção. Aqui a gente tem mais chance de aprender (VITÓRIA-RÉGIA).

Vitória-Régia ancora o ambiente educativo hospitalar à maior oportunidade de “*aprendizado*”, sentimento de “*bem-estar*” e “*motivação*” pelos estudos, gerados a partir da atenção e do afeto que os educadores dispensam aos educandos.

Ressalta que a maior experiência educativa no espaço hospitalar foi o da alfabetização. A alfabetização é uma experiência realmente transformadora, para Freire (1987, p.11) ela é “*toda a pedagogia: aprender a ler é aprender a dizer a sua própria palavra. E a sua palavra humana imita a palavra divina: é criadora*”, não sendo mera repetição/reprodução de palavras, mas sim uma experiência criativa humana em que o educando aprende a dizer a sua própria palavra, onde aprende a ler a palavra escrita e também o mundo a sua volta.

A educanda ressalta, também, a diferença entre os ambientes educativos (escola regular comum e a classe hospitalar) ao dizer: “*lá o professor tem que explicar para vários alunos, e aqui não. Só que na minha escola acho que não aprenderia a ler e escrever*”, relacionando mais uma vez a sua alfabetização ao ambiente educativo hospitalar (LEITE, 2019).

Segundo Moscovici (2004, p.72) a objetivação é “*reproduzir um conceito em uma imagem [...] mas nem todas as palavras, que constituem este estoque podem ser ligadas a imagens*”, por isso a dificuldade de objetivar no desenho uma representação abstrata de algo, como aconteceu com a educanda Vitória-Régia, que não desenhou a representação da classe hospitalar sob a justificativa de que seria mais fácil falar sobre ela, talvez porque sua representação/imagem do ambiente educativo hospitalar seja mais abstrata, ligada à “*aprendizagem*”, tornando-se mais difícil de concretizá-la no papel. Já a escola regular comum a educanda demonstrou maior facilidade na confecção do desenho por se deter mais ao aspecto físico do local.

A educanda Rosa/Bagre

Na minha escola em todos os anos em que eu estudei eu fui muito bem acolhida e agradeço como sempre, têm alguns professores talvez eu não goste muito porque não dão atenção que eu queria ter, mas eu aprendo (ROSA).

Rosa possui uma representação positiva da escola que frequenta em seu município, ancorando-a as palavras “*acolhimento*” e “*gratidão*”. Relatou a inicial tensão ao ter que voltar à escola após o acidente, pelo medo do preconceito. Entretanto, o medo foi dissipado pela boa receptividade e acolhimento da turma que a tratava igual a todos.

No começo fiquei até com medo, como é que vai ser? Será que eles vão me receber bem? será que eles vão ficar me olhando com olhar diferente? Então confesso que o medo fez eu ficar bem nervosa mesmo, mas depois que eu conheci minha turma e eles me acolheram, eles sempre me trataram bem, eu me acho diferente, e eles me tratam como se eu não fosse (ROSA)

É importante destacar a união entre os espaços educativos, hospitalar e a escola regular, para que juntos trabalhem em prol da educanda que tem o direito de continuar a estudar ainda que precise se afastar da escola de origem para tratamento médico na capital. Sobre isso a educanda refere com alegria que obteve apoio da direção escolar do município que interviu junto aos seus professores, explicando sua situação, esclarecendo a necessidade da compreensão quando a aluna levasse atestado para que não constasse falta no boletim ou apresentasse outra atividade avaliativa realizada no espaço hospitalar para que agregasse nota na escola comum (LEITE, 2019).

O apoio dos colegas de classe e da diretora foi fundamental para que a aluna não interrompesse os estudos em seu município. No momento da entrevista Rosa havia recém finalizado o ensino médio, e se preparava para prestar o vestibular, com a ajuda da classe hospitalar do Espaço Acolher.

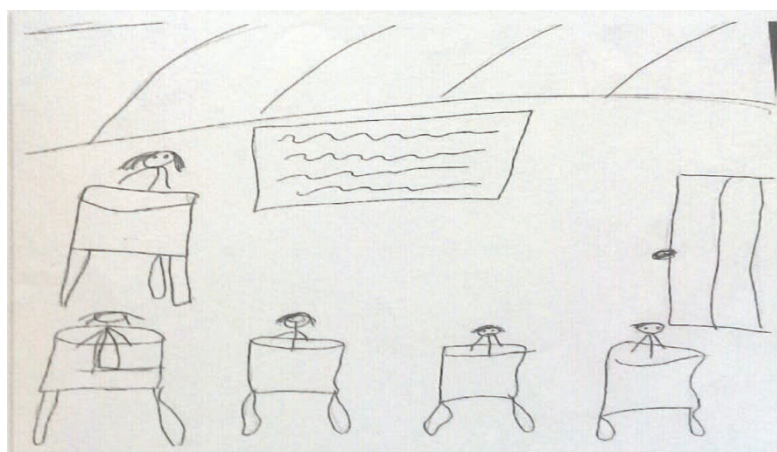
A educanda Rosa confeccionou o desenho tendo por base a representação que possui da escola que frequenta em seu município e depois explicou:

-Aqui é a entrada da minha sala, a porta, a lousa, a professora e os alunos (ROSA)

-Onde você está neste desenho?(pesquisadora)

-Eu sento por aqui no canto (apontou para o canto do lado esquerdo) e na frente, a aula que eu mais gosto é filosofia e sociologia. Eu gosto de todos lá porque não me tratam diferente (ROSA).

Figura 4. Desenho da educanda Rosa sobre a Escola regular comum



Fonte: Leite (2019, p. 124).

Com base nas categorias **dimensão espacial** e **formas de relação**, de Oliveira; Oliveira e Silveira (2018) observa-se que Rosa representa a sala de aula com o professor à frente dos alunos, ao lado a lousa “cheia” de conteúdo, apontando que a escola segue um modelo de educação tradicional, cuja característica é a educação bancária, em que o conteúdo é ‘depositado’ aos alunos, que devem absorver passivamente o conteúdo.

Freire (1987, p.33) explica sobre a educação bancária:

[...] em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem [...] Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber.

Os alunos foram representados em fileira, cada um em sua carteira, delimitando o espaço social de cada um, e todos direcionam a sua atenção ao professor, o detentor do “saber”.

Ao se desenhar, Rosa não se diferenciou dos demais, nem apontou quem ela seria entre os alunos sentados. Somente após ter sido questionada onde ela estaria no desenho foi que apontou para o lado esquerdo da figura, em que se desenhou sem olhos e boca. Ao não se diferenciar dos demais alunos em sala pode indicar tanto para um sentimento de igualdade, ao não se sentir diferente dos demais alunos, quanto também pode significar uma despersonalização, isto é, que a identidade dos educandos não importa neste contexto, já que todos estão ali para receber informações do professor (LEITE, 2019).

Quando pensa no **ambiente educativo hospitalar** Rosa o ancora a duas palavras “*aprendizagem*” e “*superação*”, estimulando-a a superar os obstáculos que poderiam se colocar como limites dado o contexto hospitalar.

Quando penso nesse lugar aqui, penso em aprendizagem e superação, me ajuda a superar e a entender que a gente pode ir além, muito além do que pode imaginar [...]

Quando eu comecei a estudar na escola hospitalar, eu comecei lá dentro da Santa Casa, ia uma professora lá e ela me ajudou muito, depois do acidente eu fiquei uma criança muito nervosa, fiquei muito triste, não queria saber de andar, nem de conversar, nem de nada o dia todo, mas aí essa professora ia lá todo dia e eu gostava, ela contava historinha para mim, contos de fada, de quadrinhos, e isso fazia com que eu me alegrasse, eu ria muito e hoje sei que isso me ajudou bastante, eu saí daquela depressão quando eu soube que eu não tinha mais meu cabelo, assim foi mais rápida pra minha recuperação, a classe hospitalar mudou tudo! (ROSA)

Rosa se emociona ao relembrar sobre seu primeiro contato com a educação no ambiente hospitalar e ressalta “a classe hospitalar mudou tudo!”, traçando um antes e depois deste contato. Relembra que passou por um período de profunda tristeza no hospital, entretanto a vinda da professora ao leito e as narrativas contadas a ela no leito estimulavam sua imaginação e criatividade, devolvendo-lhe a alegria e a motivação para sair do quadro que se encontrava, associando a sua rápida recuperação ao evento. Em seguida já passou a frequentar a classe hospitalar do Espaço Acolher, e comenta com alegria e orgulho “estou aqui desde a 5ª série eu comecei aqui e terminei o ensino médio aqui (sorriu)”.

Mediante o relato de Rosa é perceptível o essencial papel do atendimento pedagógico hospitalar para o processo de recuperação e bem-estar do educando/paciente e para a garantia do direito deste a continuar a vida escolar. Os momentos de aprendizagem podem se tornar lúdicos e prazerosos, estimulando a capacidade problematizadora e curiosa de cada educando, auxiliando-os também a superarem os momentos de maior dificuldade (MATOS; MUGIATTI, 2008).

Rosa também ancora a imagem da classe hospitalar ao “*afeto*” e “*diálogo*” ao relatar: “o carinho das professoras de lidarem comigo, isso me faz me sentir melhor e até me sentir mais estimulada a estudar, assim aprendi muita coisa nova, e isso que eu acho muito bom pra minha vida”.

Para Freire (1987) a amorosidade e a confiança são essenciais para o estabelecimento do diálogo, esta atitude envolve humildade e desejo de conhecer genuinamente o educando. Rosa elaborou o desenho sobre a classe hospitalar e expressou:

Figura 5. Desenho da educanda Rosa sobre a classe hospitalar



Fonte: Leite (2019, p. 127).

Eu aqui e o professor aqui, aqui ele dá total atenção. Aqui eu tenho um ambiente só meu, sou bem acolhida, bem atendida, as explicações são melhores, eu aprendo mais assim, quando eu quero que repitam as explicações eles repetem, conversam com a gente (ROSA)

Quanto à categoria **expressões faciais e corporais** (OLIVEIRA; OLIVEIRA; SILVEIRA, 2018) é possível perceber a proximidade existente entre educador e educando sentados lado a lado em frente a uma mesa grande. O educador foi desenhado de lado com a inclinação do corpo voltada ao aluno, simbolizando a “total atenção” que a educanda refere.

O significado do desenho está na relação existente entre professor/aluno. Rosa ancora a imagem da classe hospitalar a um local de atenção, acolhimento, bom atendimento, diálogo e aprendizagem.

A educanda Girassol/Santarém

Girassol lembra de sua primeira escola com alegria em que costumava ir sozinha de canoa, parou de estudar ainda na infância por motivos socioeconômicos.

Essa foi minha primeira escola, ela era feita de cavaco (GIRASSOL)

Cavaco? (PESQUISADORA)

São uns pedaços de madeira assim, para fazer umas telhas, tipo as de barro, só que é madeira, aí eles colocam um prego, para engatar na outra aí vai descendo. Esse é meu primeiro colégio, eu gostava muito de lá, a gente porfiava¹pra chegar lá e era muito divertido, e a gente morava assim, na beira do rio, esse colégio ficava na beira rio tapajós, riozão bem bonito! (GIRASSOL)

1 Para a educanda “porfiar” significa competir.

Figura 6. Desenho da educanda Girassol sobre a Escola regular comum



Fonte: Leite (2019, p. 132).

A educanda ancora a imagem da escola a momentos de “*descontração*” e “*alegria*” com as demais crianças, lembra que era uma escola que ficava na beira do rio Tapajós, no município de Santarém.

Girassol desenha a escola se detendo ao espaço físico, categoria referente à **dimensão espacial** (OLIVEIRA; OLIVEIRA; SILVEIRA, 2018), utilizando formas geométricas variadas, sobretudo o retângulo para a edificação da escola e das portas e o quadrado para as janelas. Neste desenho as janelas e portas aparecem abertas, sinalizando para um espaço simbolicamente “aberto”, acolhedor.

A educanda relata com pesar como ocorreu a interrupção dos estudos em sua vida:

eu mudei de cidade, onde a minha mãe morava não tinha colégio, e eles não queriam me deixar na cidade porque tinham medo de eu ficar na casa dos outros, aí eu perdi o ano, eu tinha doze anos, eu fiquei triste demais ao saber que eu não iria mais estudar. Eu tenho pra mim que a minha tristeza começou daí (GIRASSOL).

Com treze anos de idade Girassol saiu de casa e foi trabalhar, mais tarde, já adulta casou-se com um homem mais velho, que prometeu que iria matriculá-la numa escola perto de onde iriam morar. Após o casamento Girassol tinha esperanças de voltar a estudar, comenta: “esse homem disse que ia voltar a estudar e eu casei com ele mais por isso”. Margarida foi à escola e descobriu que a turma que deveria cursar era à noite, na classe de jovens e adultos (EJA), o marido juntamente com o pai de Girassol a impediram de estudar sob a justificativa de que “estudar à noite não era coisa de mulher direita e casada”. Assim, mais uma vez o sonho de Girassol foi interrompido, desta vez pelo interdito dos homens da família (LEITE, 2019).

De acordo com Fernandes, Nascimento e outros (2016) muitas mulheres que frequentam a Educação de Jovens e Adultos interrompem seus estudos por diversos motivos, sobretudo por assumirem sozinhas tarefas do lar após constituírem família, resquícios de um modelo patriarcal que ainda impera, no qual as mulheres são obrigadas a exercerem papéis sociais rígidos e de subordinação à figura masculina, como por exemplo: deterem-se somente ao cuidado do lar e dos filhos, serem consideradas incapazes de exercer outros ofícios ou ainda serem proibidas de se ocuparem com outras tarefas fora do lar sob ameaça do homem que coloca em questão a “fidelidade” da mulher, tal como aconteceu com a educanda Girassol.

Vigano e Laffin (2016) trazem uma importante discussão sobre as adversidades enfrentadas por muitas mulheres que frequentam a Educação de Jovens e Adultos, principalmente quanto aos processos de exclusão derivadas de cristalizações das funções de gênero. Entretanto é via Educação de Jovens e Adultos que muitas mulheres se deparam com a possibilidade da emancipação e empoderamento, tal como ocorreu com Girassol na escola em ambiente hospitalar.

Aqui eu achei muito legal, uma oportunidade tão boa pra mim!, morar no mesmo lugar que eu estudei, tudo no mesmo lugar, muito confortável, professores tratando muito bem, vocês foram uma lição de vida de todo jeito, o amor que vocês tem por nós, a paciência, nunca vi. Terminei meu ensino fundamental aqui, se eu tivesse no interior eu ainda estaria tentando terminar o fundamental, quando fui visitar meu filho eu mostrei pra ele 'olha meu filho eu concluí meu fundamental!' e ele disse: mãe a senhora é danada mesmo, hein? Eu só fiz rir (GIRASSOL).

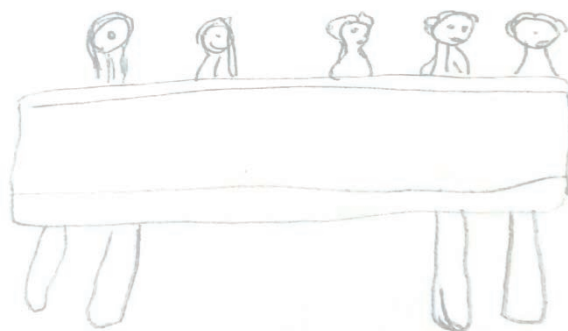
Girassol relaciona a imagem da **classe hospitalar** à “retomada de um sonho”, à “*acesibilidade*” e “*oportunidade*” de voltar a estudar. Após tantos anos afastada da sala de aula deparou-se com a classe hospitalar enquanto realizava o tratamento. A educanda relata com orgulho e alegria que finalizou o ensino fundamental no ambiente educativo do Espaço Acolher.

A educanda também ancora a imagem da classe hospitalar à professores que tratam os alunos com “*amorosidade*”, “*paciência*” e “*respeito*”, mais uma característica da pedagogia freireana. Características estas essenciais para o processo educativo, principalmente quando acontece no hospital, onde muitas vezes as pessoas são proibidas de “*ser*”, por estarem longos períodos no hospital, e pela própria condição de saúde limitá-las de *ser/fazer* o que gostariam.

A amorosidade e o cuidado com o educando trazem à tona valores humanos que vão além de convenções. Salienta Freire (1992, p.153): “os proibidos de ser não precisam de nossa “*modernidade*”, mas de nosso calor, de nossa solidariedade e de nosso amor também, mas de um amor sem manha, sem cavilações, sem pieguismo”. Sobre o amor Buber (2012) afirma que ele acontece no encontro ‘*entre*’ duas pessoas, por isso é tão importante a relação de aproximação e diálogo entre o educador e educando.

O desenho confeccionado sobre a escola em hospitalar é descrito por Girassol: “quero desenhar um monte de gente assim perto, quero fazer que estão todos estudando”.

Figura 7. Desenho de Girassol sobre a Classe hospitalar



Fonte: Leite (2019, p. 135).

A educanda desenhou uma mesa grande, com pessoas sentadas umas próximas das outras.

Com base nas categorias dos desenhos de Oliveira, Oliveira e Silveira (2018), analisa-se que em termos da **dimensão espacial**, trata-se da escola em ambiente hospitalar, representada por uma mesa única e compartilhada por outras educandas. Quanto às **formas de relações** e **expressões faciais**, percebe-se um grupo de educandas que estão aparentemente se olhando, uma das pessoas desenhadas aparece com o côncavo da boca virado para cima apontando para alegria.

Girassol representa a classe hospitalar do Espaço Acolher como um lugar mais acolhedor

e de maior aprendizado, pelo acesso facilitado e pela atenção e afeto recebidos pelos educadores.

A seguir apresenta-se um quadro demonstrativo sobre as representações que as educandas atribuíram à cada escola:

Quadro 2. Representações sobre os espaços educativos comum e hospitalar

ESCOLA REGULAR COMUM		CLASSE HOSPITALAR	
Ancoragem	Objetivação	Ancoragem	Objetivação
Menor atenção do professor para com os alunos	Professor à frente dos alunos perto da lousa, maior distância física para com os alunos	Maior atenção do professor para com os alunos e maior possibilidade de criar vínculos afetivos e de diálogo	Professor e aluno um ao lado do outro compartilhando mesma mesa, menos distância física entre eles
Muitos alunos	Alunos desenhados Como retângulos enfileirados	Poucos alunos	Aluno ao lado do professor; afetividade
Dificuldade de aprendizagem	Dificuldade de compreensão quanto a explicação do professor	Maior possibilidade de aprendizagem	Alfabetização de uma educanda; conclusão do ensino fundamental e médio
Maior distração, maior agitação	Muitos alunos em sala desenhados como retângulos	Maior concentração e atenção por parte dos alunos	Alunos e professores sentados perto
Dificuldade de acesso	Alunos chegando de canoa na escola	Facilidade de acesso	Sala de aula na casa de acolhimento
Infraestrutura ruim e poucos recursos educativos	Escola que alaga e que não oferece segurança aos alunos	Infraestrutura adequada e diversidades de recursos educativos	Sala de aula equipada de materiais e estrutura física adequada

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados de análise. (LEITE, 2019).

Com base nas análises das falas das educandas e das significações atribuídas aos desenhos identificam-se as ancoragens e as objetivações, inclusive o esquema das diferenciações entre a escola do município e a escola em ambiente hospitalar.

Em termos das objetivações, na escola regular, as educandas referem ter maior dificuldade de acesso seja por ordem espacial e/ ou econômica; maior distração pela quantidade de alunos em sala. Enquanto a escola em ambiente hospitalar possui acesso facilitado; maior atenção dos professores; maior fluência no diálogo (em que podem tirar suas dúvidas e perguntar quando não entenderam algo); maior possibilidade do desenvolvimento da afetividade entre educador e educando.

Considerações Finais

Neste estudo, evidenciaram-se as representações que as educandas tecem sobre a escola em ambiente hospitalar e as suas escolas de origem. Conforme os discursos e desenhos observa-se que as políticas educativas nas escolas do município possuem maior rigidez, já a educação de base freireana no ambiente hospitalar passa a valorizar os saberes e conhecimentos socioculturais, considerando estas vivências para a construção do projeto político pedagógico, gerando certo distanciamento de representações sobre estes dois ambientes educativos.

As educandas conferem representações semelhantes aos dois ambientes educativos no que se refere ao bem-estar, acolhimento e motivação, adjetivos positivos comuns. Foram iden-

tificados outros significados positivos à escola comum, expressos nas palavras: saudade; convívio social; diversão; gratidão. E outros negativos como: dificuldade de aprendizado; distração/desconcentração; infraestrutura precária e dificuldade de acesso. Quanto à escola hospitalar as educandas significaram apenas aspectos positivos como: atenção; aprendizado; motivação; superação; oportunidade; afeto; amorosidade; respeito; alegria.

Os desenhos sobre as suas respectivas escolas de origem elaboradas pelas educandas, seguem o mesmo padrão, quanto à categoria da **dimensão espacial** estabelecida por Oliveira, Oliveira e Silveira (2018), em que se verifica a sala de aula com as carteiras enfileiradas e a mesa do professor separada dos demais, apontando que a representação está relacionada ao modelo tradicional de ensino. Como resultado desta representação, as educandas se percebem mais distanciadas dos educadores, obstaculizando a relação de reciprocidade, afetividade e aprendizado.

Por meio desta investigação é perceptível que o contato com a escola em ambiente hospitalar do Espaço Acolher é transformador para cada educanda entrevistada. A educação humanizada, atenta ao outro é capaz de despertar o interesse pelo conhecimento, de instigar a reflexão sobre a realidade e a atuação nela, por meio de atitudes de amorosidade, diálogo e respeito ao conhecimento de mundo do educando.

A escola em ambiente hospitalar se apresenta como oportunidade das educandas retomarem seus estudos ou de pela primeira vez terem contato com ele, ao invés de estar associado somente a um momento de dor – diante o difícil tratamento médico após inúmeros procedimentos que precisam realizar.

É perceptível, também, por meio do discurso das educandas, que as representações sobre a educação que recebem em cada ambiente educativo (escola hospitalar e escola comum) se diferenciam e se aproximam. Aproximam-se por ambas serem locais de aprendizagem e se distanciam ao possuírem suas especificidades dado o contexto sociocultural e a vertente teórico-metodológica que cada instituição adere, nos convidando a pensar de que modo podemos fazer de cada espaço educativo potencializador da aprendizagem e de boas representações.

Referências

BUBER, M. **Eu e Tu**. Tradução do alemão, introdução e notas por Milton Aquiles Von Zuben. 10 ed. Revista. São Paulo: Centauro, 2012.

DELIBERADOR, H.; VILLELA, F. Acerca do conceito de saúde. **Psic. Rev.** São Paulo, volume 19, n.2, 225-237, 2010.

FERNANDES, C. et. All. A inserção da mulher na modalidade EJA. II Congresso Internacional de Educação Inclusiva. II CINTED 16 à 18 nov., 2016. Disponível em: https://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/TRABALHO_EV060_MD1_SA14_ID174_01092016175013.pdf. Acesso em 01/01/2019.

FEIO, S. C. S. **Avaliação da cefaleia e qualidade de vida em mulheres vítimas de escarpamento na Amazônia**. Macapá, 2017. Disponível em: <http://www2.unifap.br/ppcs/files/2017/12/AVALIA%C3%87%C3%83O-DA-CEFALEIA-E-QUALIDADE-DE-VIDA-EM-MULHERES-V%C3%8DTIMAS-DE-ESCALPELAMENTO-NA-AMAZ%C3%94NIA.pdf> Acesso: 30/01/18.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LEITE, P. C. S. **Educação de jovens e adultos em ambiente hospitalar: representações sobre si, a educação e projetos de vida**. 200f. [Dissertação de mestrado] do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. Belém: UEPA, 2019.

MATOS, E.; MUGIATTI, M. **Pedagogia hospitalar: a humanização integrando educação e saúde.** Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social.** Rio de Janeiro: vozes, 2004.

OLIVEIRA, I.; OLIVEIRA, W.; SILVEIRA, A. A técnica do desenho na pesquisa educacional sobre representações sociais. In: OLIVEIRA, I.; OLIVEIRA, W., LOBATO, H. **Pesquisa educacional sobre representações sociais: o uso da técnica do desenho e dos mapas conceituais.** São Carlos: Pedro e João editores, 2018.

VIGANO, S.; LAFFIN, M. H. A educação de jovens e adultos como espaço de empoderamento das mulheres. **Revista EJA em debate.** UFSC, periódicos, Ano 5,n.7, p.1-19, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/2105/1>. Acesso: 18 de fevereiro de 2019.

Recebido em 07 de março de 2020.

Aceito em 15 de junho de 2020.